

O contributo de Herbert Marcuse para a Educação Ambiental e o consumo social sustentável

Herbet Marcuse's contribution to Environmental Education and a politically sustainable society

Resumo

O principal objetivo deste estudo é analisar o contributo de Herbert Marcuse para uma Educação Ambiental e um consumo social sustentável. Quanto aos procedimentos metodológicos trata-se de uma pesquisa bibliográfica baseada em referenciais teóricos, contendo revisão de literatura pertinente, o trabalho construído durante a disciplina Epistemologia do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da UERR e foi parte integrante do processo avaliativo da referida disciplina. Concluindo que o pensamento de Herbert Marcuse sobre uma sociedade capitalista, tecnológica desenvolvida como sociedade “unidimensional” aponta como os indivíduos estão condicionados a criar falsas necessidades impostas pelos interesses de grupos sociais dominantes e com o aumento do consumo de cada indivíduo, cresce o desmatamento e consequentemente a degradação do meio ambiente ocasionando grandes impactos ambientais. Diante desse cenário é notório que a Educação Ambiental precisa estar presente no cotidiano de cada indivíduo da sociedade e a mesma é garantida na legislação nacional e precisa ser desenvolvida na escola de forma interdisciplinar.

Palavras chave: Herbert Marcuse. Educação Ambiental. Sociedade e Sustentabilidade.

Abstract

The main objective of this study is to analyze Herbert Marcuse's contribution to Environmental Education and sustainable social consumption. As for the methodological procedures, this is a bibliographical research based on theoretical references, containing a review of relevant literature, the work built during the Epistemology discipline of the Professional Master's Degree in Science Teaching at UERR and was an integral part of the evaluation process of that discipline. Concluding that Herbert Marcuse's thinking about a capitalist, technological society developed as a "one-dimensional" society points out how individuals are conditioned to create false needs imposed by the interests of dominant social groups and with the increase in consumption of each individual, deforestation grows and consequently the degradation of the environment causing great environmental impacts. Given this scenario, it is clear that Environmental Education needs to be present in the daily life of each individual in society and it is guaranteed in national legislation and needs to be developed at school in an interdisciplinary way.

Keywords: Herbert Marcuse. Environmental education. Society and Sustainability.

Considerações Iniciais

Destaca-se neste estudo o contributo de Herbert Marcuse para a Educação Ambiental e o consumo social sustentável, foi um dos filósofos da sociologia e da antropologia com uma lente de leitura da realidade marxista. Suas obras foram marcadas a partir dos pensamentos da Escola de Frankfurt, autor da teoria crítica da sociedade oferecendo ao homem um comportamento crítico em relação à ciência e a cultura (MANIERI, 2017).

Marcuse foi forçado pelas circunstâncias históricas a se exilar nos EUA, sendo em solo norte americano o local de produção de grande parte de suas obras, estas polemizando com várias tendências tanto no seio do marxismo, quanto no freudismo (DORIA, 2014).

Com a obra “O HOMEM UNIDIMENSIONAL”, publicada em 1964, é evidenciada a ideologia da sociedade industrial, assim o autor faz uma análise da sociedade industrial e seu aspecto de controle e repressão em uma sociedade unidimensional que representa a última etapa do logos da dominação e, ao mesmo tempo, uma realidade qualitativamente nova no ciclo filogenético (MARCUSE, 1964).

O filósofo ainda aponta meios de pensar em uma sociedade ambientalmente sustentável, uma vez que a importância da contribuição de Herbert Marcuse foi desenvolver uma teoria social crítica, para a superação da sociedade industrial de exploração e o resgate da racionalidade crítica, tão importante para a existência humana (GABRIEL, 2014).

A obra supracitada fomenta a repressão que era legitimada por uma ideologia que justificava o poder em virtude das imensas exigências da luta pela existência, ou seja, o homem unidimensional se refere a alguém que está subordinado a uma sociedade e vive uma vida intimamente associada ao capitalismo vigente ligando esse consumismo alienado na sociedade.

Nesse contexto se desenvolveu este estudo, ao considerar a relevância do contributo de Herbert Marcuse para uma Educação Ambiental e uma sociedade politicamente sustentável, haja vista que em uma sociedade industrial que consome o que não precisa e degrada seus recursos naturais, é necessário discutir e questionar o consumo exagerado e seus possíveis impactos para o meio ambiente.

Para organizar a nossa análise discursiva a respeito da temática deste trabalho organizamos este artigo nos seguintes tópicos: O primeiro será um diálogo sobre Herbert Marcuse falando sobre a Sociedade Unidimensional e suas implicações com o Meio Ambiente. O segundo tópico será sobre sociedade consumista e a sustentabilidade. No terceiro tópico falaremos a respeito da relevância de discutir sobre Educação e o Meio Ambiente. E por último faremos as nossas considerações finais e conclusivas sobre o contributo de Herbert Marcuse para uma Educação Ambiental e uma sociedade politicamente sustentável.

Herbert Marcuse: Sociedade Unidimensional e suas implicações com o Meio Ambiente

Para iniciar a análise discursiva convém estabelecer uma breve biografia de Herbert Marcuse, que nasceu em Berlim no dia 19 de julho de 1898, era de família judia, frequentava a Escola de Frankfurt. Suas produções foram direcionadas a uma crítica à Racionalidade Instrumental. Para ele a máquina dominaria o homem e não o contrário, as pessoas seriam massificadas. Em

1916, chamado para trabalhar para as forças armadas onde iniciou sua formação política embora seu envolvimento com a política tenha sido breve (HAUG, 2018).

A experiência de guerra e da revolução alemã o levou ao estudo do marxismo ao tentar entender a dinâmica do capitalismo e do totalitarismo, Marcuse era um intelectual que criticava as tendências e as inclinações de seu tempo como o capitalismo, tecnologia moderna, materialismo histórico e a cultura do entretenimento, assim defendia a tese de que essas tendências representavam novas formas de repressão de controle social, entre suas obras mais conhecidas são Teoria Crítica e o Homem Unidimensional (MARCUSE, 1978).

A Teoria Crítica considera como objeto os homens, produtores de suas histórias e coloca o social no cerne dos problemas da humanidade, pois as situações não são tão somente dadas pela natureza, mas são dadas também pelo poder do homem sobre ele mesmo (ARANTES, 2009). Desse modo Marcuse discursava sobre a Sociedade Unidimensional e suas implicações com o Meio Ambiente, se referindo à manipulação do pensamento, dessa forma o sujeito não consegue pensar criticamente, ou seja, não consegue tomar decisões baseadas em suas reais necessidades.

A tirania deixa o corpo e vai direto para a alma. O mestre não diz mais: Pense como eu ou você vai morrer. Ele diz: Vocês são livres para pensar como eu. [...] O mecanismo da oferta e da demanda [...] atua na superestrutura como controle em favor dos que dominam. Os consumidores são os trabalhadores e empregados, agricultores e pequeno-burgueses. A produção capitalista os encadeia de tal forma em corpo e alma que eles se submetem sem resistência a tudo o que lhes é oferecido. Mas os dominados têm se tomado a moral que lhes vinha dos senhores mais seriamente que estes últimos, assim hoje as massas enganadas sucumbem, mais ainda do que os afortunados, ao mito do sucesso. As massas têm o que desejam e apegam-se obstinadamente à ideologia pela qual se lhes escraviza (ADORNO; HORKHEIMER, 1998, p. 178)

Adorno e Horkheimer (1998) apontam o sistema industrial e cultural como uma condição alienada da sociedade de consumo, e estão relacionados ao poder exercido pelos meios de comunicação em massa e as estratégias de mercado que são imputados sobre o consumidor.

A crítica à sociedade de consumo e ao sistema industrial cultural assunto retomado por Marcuse em suas obras, e diante do aumento da ‘estética da mercadoria’ mais atual que nas décadas de 1960/70, quando mesmo nos meios urbanos ainda existiam dimensões da vida não dominadas pelo valor de troca, todos nós saímos da infância e passamos a juventude num mundo não tão controlado por esse sistema capitalista (MARCUSE, 1978). Tempo esse registrado por pouco consumo em comparação com atual lavagem cerebral mercadológica que somos submetidos diariamente.

O conceito de alienação parece torna-se questionável quando os indivíduos se identificam com a existência que lhe é imposta e têm nela seu próprio desenvolvimento e satisfação. Essa identificação não é uma ilusão, mas uma realidade. Contudo, a realidade constitui uma etapa mais progressiva da alienação (MARCUSE, 1978, p. 31).

Neste sentido, o conceito de alienação está atrelado a Sociedade Unidimensional assim ressaltam-se as implicações com o Meio Ambiente, para Herbert Marcuse (1978) a sociedade tecnicista capitalista a qual ele se refere como ‘sociedade unidimensional’ pelo ao alto nível

de racionalidade tecnológica, ele então, critica essa sociedade que manipula o indivíduo e cria necessidades por interesses adquiridos, processo que não permite o indivíduo pensar criticamente, sem criticidade a sociedade torna-se alienada, manipulada. Se o indivíduo se sente satisfeito, mas se ele foi alvitrado a sentir-se, esse processo é alienação progressiva. A esse respeito temos que:

Os produtos doutrinam e manipulam; promove uma falsa consciência que é imune a sua falsidade. E, ao ficarem esses produtos benéficos à disposição de maior número de indivíduos e de classes sociais, a doutrinação que eles portam de ser publicidade tornam-se um estilo de vida muito melhor do que antes e, como um bom estilo de vida, milita contra a transformação qualitativa. Surge assim um padrão de pensamento e comportamento unidimensionais no qual as ideias, as aspirações e os objetivos que por seu conteúdo transcendem o universo estabelecido da palavra e da ação são repelidos ou reproduzidos a termos desse universo (MARCUSE, 1978, p.32).

O pensamento de Marcuse em relação ao consumo em massa, de uma sociedade onde existe um exagero produzido pela sociedade industrial, sendo criado um sistema repressivo que leva o ser humano a alienação. O problema se encontra na racionalidade que guia a sociedade a um sistema de produção alimentado pela exploração (BRUGGER, 2014). O mesmo autor afirma ainda que é necessário considerar os acontecimentos históricos para entender o desenvolvimento da sociedade industrial aliada do avanço do capitalismo, dessa forma faz-se necessário compreender a Sociedade Unidimensional e suas implicações com o Meio Ambiente, sendo assim:

Na sociedade estabelecida, a própria natureza, cada vez mais eficazmente controlada, tornou-se, por seu turno, outra dimensão para controle do homem: o braço ampliado da sociedade e de seu poder. A natureza comercializada, a natureza poluída, a natureza militarizada, reduziram o meio vital do homem não só num sentido ecológico, mas também existencial. Bloqueia a catarse (e transformação) erótica do meio ambiente; priva o homem de encontrar-se a si próprio na natureza; aquém e além da alienação; também o impede de reconhecer a natureza como um sujeito legítimo um sujeito de convivência num universo humano comum. Essa privação não é anulada pela abertura da natureza à diversão maciça e coletiva, tanto espontânea como organizada uma soltura de frustração que apenas aumenta a violação da natureza (MARCUSE, 1973, p.64).

Marcuse o precursor das inquietações ecológicas atuais, questionava o desenvolvimento econômico que resultaria em uma ação destrutiva entre a sociedade e a natureza. Frente ao avanço do capitalismo tem-se como consequência, a degradação do meio ambiente, inclusive na obra 'Homem Unidimensional' (1978) são descritos preceitos que comandam o desenvolvimento tecnológico e social, que estão alicerçados na racionalidade e se sustentam em um sistema de dominação. Apesar do um crescimento tecnológico, social, científico a pobreza e a destruição da natureza têm aumentado drasticamente. Para Marcuse a dificuldade de o homem pensar criticamente deixa-o sujeito ao sistema em massa, sistema esse que é antagonista com a vida.

Sociedade consumista e a Sustentabilidade

Conforme Santos (2015) é a partir das décadas de 1960 e 1970, em decorrência dos movimentos ambientalistas, dos problemas relacionados com a poluição e a escassez de

recursos para as grandes indústrias que tais situações passam ser compreendidas como ‘variáveis ambientais’. Desse modo, se insere nas discussões sobre a sociedade industrial as variáveis ambientais, assim o próprio sistema capitalista passa a incorporar os conceitos e adotar práticas consideradas politicamente corretas para que haja a possibilidade de serem reproduzidas. Isto é, o sistema capitalista admite e incorpora a virável meio ambiente como um produto, essa passa a ser comercializado e gera mais riqueza desigual.

Desta forma, a própria ideia de desenvolvimento sustentável é adotada pelo sistema capitalista como uma maneira de autoreprodução e não como forma de frear o desenvolvimento econômico, sendo assim os problemas de ordem ambiental não foram incorporados a variável social.

É evidente a contrariedade entre o desenvolvimento sustentável e o atual modelo capitalista, tendo em vista a estratégia de autoreprodução do referido sistema, sem desconsiderar os avanços dos movimentos ambientalistas. Destaca-se ainda um aspecto interessante dos problemas de ordem ambiental é justamente a possibilidade expostas para as várias áreas de conhecimento. Assim ressalta-se a relevância da sustentabilidade que visa o equilíbrio entre o suprimento das necessidades humanas bem como a preservação dos recursos naturais, sem que haja o comprometimento dos recursos naturais para as próximas gerações. Desse modo a sustentabilidade representa o equilíbrio encontrado na exploração dos recursos naturais e a preservação do meio ambiente.

Notadamente existem questões importantes de ordem ambiental, a ação humana sobre o meio ambiente excedeu o limite da sobrevivência, ao longo da história para atender suas necessidades, a humanidade formula uma equação totalmente desequilibrada em que retira, consome e descarta (GUSDORF, 2017). Sendo possível notar que o descarte que se associa diretamente com a produção excessiva de lixo com destaque para uma classe específica de resíduos sólidos domiciliares e tem causado impactos negativos ao meio ambiente.

Conforme Dimenstein e Alves (2013) inúmeros municípios brasileiros ainda não contam com um controle e gestão dos resíduos sólidos domiciliares, ou seja, o ciclo se inicia com a coleta regular, o transporte e descarga em locais irregulares, geralmente a céu aberto, em valas e similares, popularmente conhecidos como lixões. Neste sentido é possível perceber que a origem dos problemas ambientais consiste em uma visão que percebe o mundo como máquina e não como a junção de ecossistemas vivos que devem se manter em equilíbrio. Evidenciando um pensamento considerado analítico e racional que provoca atitudes caracteristicamente antiecológicas. A partir das mudanças de ordem econômica, social, política e culturais ocorridas conforme o tempo passa são geradas também novas necessidades na vida em sociedade, assim são produzidas novas demanda bem como diferentes categorias de profissionais. Por essa razão, Silva (2014) coloca:

a sociedade em que vivemos costuma receber uma série de designações, como sociedade capitalista, moderna, de mercado, de consumo, consumista, das celebridades, da informação ou, ainda, da era tecnológica. Todas são adjetivações que se somam para nos mostrar os aspectos mais importantes da cultura que rege e influencia todos os que estão sob a ditadura de uma economia voltada para a produção de bens materiais, e não de bem-estar e harmonia social. Viver nesses tempos requer humildade, conhecimento e coragem para que não sejamos transformados em “soldadinhos” do consumo e para que não sejamos manipulados em massa, como animais de manada, subjugados por nossa própria espécie para nos converter em diversas mercadorias de consumo; e isso inclui desde comida industrializada até acessórios de moda e de decoração (SILVA, 2014, p. 19).

O consumismo imposto pela sociedade torna os indivíduos alienados, havendo uma baixa na capacidade de pensar ou agir por si próprios e o dispêndio se tornou uma forma de abraçar o que os principais propósitos do mercado impõem. Assim Marcuse (1978) comenta que conceito de alienação parece torna-se questionável quando os indivíduos se identificam com a existência que lhe é imposta e têm nela seu próprio desenvolvimento e satisfação. Essa identificação não é uma ilusão, mas uma realidade. Contudo, a realidade constitui uma etapa mais progressiva da alienação (MARCUSE, 1978).

O consumo passa a ter uma relação direta com a sobrevivência, no entanto, viver para consumir já não é o ideal, torna as pessoas reféns do consumismo originando uma vida ilusória. Com o avanço tecnológico há também maior número de informações trabalhando intensamente em relação ao consumismo, nos mais variados campos dos grandes centros industriais. Silva (2014) relata que há uma sensação desagradável de exclusão, de não pertencimento. Isto se dá, quando não compramos coisas que são validadas pelo marketing como necessárias à felicidade, nos sentimos excluídos e até mesmo fracassados e deprimidos. Em casos extremos, o que um indivíduo consome passa a ser sentido como uma demonstração da sua identidade e da sua capacidade frente a seu grupo social.

Os grandes centros industriais são continuamente trabalhados para inovar as técnicas e publicidade para a promoção de mercadorias e em quase todas elas a sustentabilidade é desprezada em detrimento ao consumismo. A esse respeito, Gorz (2010) afirma que:

Possibilidade de repará-los torna-se o instrumento decisivo para aumentar o volume das vendas. Ela obriga às firmas a inventar continuamente necessidades e novos desejos, a conferir às mercadorias um valor simbólico, social, erótico; a difundir uma “cultura do consumo” que enfatiza a individualização, a singularização, a rivalidade. [...] Nesse sistema, tudo se opõe à autonomia dos indivíduos, a sua capacidade de pensar em conjunto seus objetivos e suas necessidades comuns; tudo se opõe a que se organizem para aperfeiçoar o modo de eliminar desperdícios, economizar recursos e elaborar conjuntamente, como produtores e consumidores, uma norma comum. [...] Evidentemente, a ruptura com essa tendência de “produzir mais, consumir mais”, e a redefinição de um modelo de vida visa aceleração da obsolescência, que caminha junto da diminuição da durabilidade dos produtos e da anda a fazer mais e melhor com menos, supõem a ruptura com uma civilização (GORZ, 2010.p. 22).

Assim, as mentes são trabalhadas para que a população siga de acordo com o apresentado pela sociedade, independentemente das circunstâncias vindouras no futuro próximo, portanto, o nosso intuito aqui é discutir sobre o consumo consciente ou sustentável, que envolva a busca por produtos e serviços ecologicamente corretos, a economia de recursos, a utilização dos bens até o fim de sua vida útil e a reciclagem dos materiais. O consumo incontrolável e compulsivo da sociedade ao longo do tempo vem trazendo consequências muito negativas para o meio ambiente. Este consumo em excesso tem levado a uma super exploração dos recursos naturais, o que pode levar a um esgotamento e escassez destes recursos, comprometendo o equilíbrio ambiental.

A relevância de discutir sobre Educação e o Meio Ambiente

Tendo em vista que a Educação Ambiental permite uma consciência crítica da sociedade acerca das questões ambientais e é uma ferramenta que visa novas atitudes de consumo, práticas de preceitos ambientais e minimização dos danos causados à natureza. A escola e todo o contexto escolar é seguramente o espaço mais indicado para disseminar a cultura da

Educação Ambiental e este tópico nos permite discutir a relevância da Educação e o Meio Ambiente.

É notório que a Educação Ambiental está cada vez mais presente no dia a dia da sociedade, dessa forma é importante que sejam discutidas desde as series iniciais uma vez que as crianças têm uma conscientização mais fácil de ser trabalhada do que os adultos e são as crianças o futuro da humanidade. E são as escolas os espaços formais de aprendizagens propícias para a promoção da Educação Ambiental.

De acordo com Passos (2009), a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, também conhecida como Conferência de Estocolmo, iniciada em cinco de junho de 1972, marcou uma etapa muito importante no eco política mundial. Dessa forma ficou marcado como Dia Mundial do Meio Ambiente o dia 5 de junho instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU), e chama a atenção para os problemas ambientais assim como a grande importância da preservação do meio ambiente.

Diante da dimensão da questão ambiental que afeta inclusive todos os aspectos da vida humana são indispensáveis à inserção do aspecto educacional, assim a educação no sentido de ensinar se concentra na responsabilidade da sociedade com os problemas atuais sejam eles de ordem social ou de natureza ecológica bem com em outras instâncias, sendo novas intervenções sob a perspectiva da sustentabilidade (JACOB, 2013). Inclusive a inserção da educação ambiental (EA) na escola no Brasil é marcada por diferentes concepções e práticas que imprimem diferentes abordagens. De um modo geral, a abordagem crítica tem-se apresentado como alternativa às formas biologizantes, disciplinatórias, moralistas e imediatistas, além de outras, que tratam da dimensão ambiental dos processos educativos (TOZONI-REIS, 2012).

Nesse sentido, destaca-se que o cuidado com o meio ambiente não se limita ao poder público, e sim, a todos os seres humanos, ou seja, que todo cidadão existente no planeta é responsável pela mudança de paradigma diante da crise dos fatores ambientais. Layrargues (2002) por sua vez, defende que cabe ao Poder Público capitanear o cumprimento do mandamento constitucional em promover a preservação do meio ambiente equilibrado, preservado para as gerações presentes e futuras.

Não existe uma saída fácil para o problema ético da educação ambiental. Muito menos uma saída unilateral ou unidirecional. Mas existem caminhos capazes de apontar perspectivas para pensarmos a dimensão ética da educação ambiental. É justamente sobre a busca de um horizonte, no qual possamos vir a formular alternativas capazes de superar o limiar epistemológico na busca da dimensão da educação ambiental. (GRÜN, 2016). Loureiro (2003) reforça que a Educação Ambiental, logo se imagina que esta é intrinsecamente transformadora, por ser uma inovação educativa recente que questiona o que é qualidade de vida, reflete sobre a ética ecológica e amplia o conceito de ambiente para além dos aspectos físico-biológicos.

Sendo assim, busca-se a junção de ações com o propósito de fortalecer em cada sujeito a consciência ecológica e conseqüentemente a melhora das condições de vida bem como o desenvolvimento. Portanto, é indispensável à participação ativa da comunidade, salientando que a conduta das pessoas no cotidiano e seus hábitos possuem impacto direto. Ao pensar na influência do desenvolvimento seja sob o aspecto econômico, social e humano e do crescimento da sociedade brasileira, é importante primeiramente melhorar as condições de

vida da população e de preservação do meio ambiente (BRASIL, 2017). Dessa forma, associando um modelo de desenvolvimento sustentável que mantenha uma distribuição de renda, oferta de emprego e o fortalecimento da democracia em que o Estado e as políticas públicas desempenhem papel fundamental.

De certo deve haver mudança na cultura coletiva em sua forma de pensar, sentir e agir e especialmente na forma de se relacionar com natureza. Impõe-se a sociedade contemporânea a necessidade de superar o modelo de desenvolvimento capitalista pautado no consumo descontrolado que acarretam sérias mudanças climáticas, a escassez de água em decorrência da falta de chuvas em algumas regiões bem como os danos graves as mananciais dos rios causados pela poluição, assim constata-se de maneira muito clara, que se nada for feito, os problemas ambientais terão influência negativa na vida de todo o planeta. Já em relação aos impactos negativos ao meio ambiente, estes se relacionam com o crescente aumento das áreas urbanas e aliado a isso o grande fluxo de pessoas e a produção constante de lixo (GUSDORF, 2017).

Desse modo os cientistas, pesquisadores amadores, membros de organizações não governamentais, sociedade civil organizada e o poder público devem ser unir, diante dos problemas ambientais, com intuito de promover discussões e levantar sugestões que possam apontar para a solução definitiva ou, pelo menos, buscar o equilíbrio no que se refere ao processo de desaceleração da destruição do meio ambiente que se verifica na atualidade (CUNHA; AUGUSTIN, 2014).

Ressalta-se que as mudanças comportamentais devem ocorrer, neste sentido as políticas de conservação do meio ambiente devem iniciar como a educação ambiental, sob a perspectiva que a escola e as próprias casas podem ser locais propulsores de mudança nas práticas ambientais irresponsáveis. Certamente que a consciência ambiental não surge repentinamente, de modo que todos concordem, no entanto, a questão ambiental perpassa pelo despertar, raramente aceita com a prontidão desejada, assim é no ambiente escolar e doméstico que será criada uma cultura que ligada com a sustentabilidade, conservação do meio ambiente e consequentemente qualidade de vida (MELLO, 2017).

Acredita-se que a redução dos desperdícios de alimentos, a destinação correta do esgoto doméstico, o não uso de sacolas plásticas e inúmeras outras práticas ambientais irresponsáveis podem ser amenizadas a partir do estímulo ao plantio de árvores em espaços públicos, a reciclagem de lixo, a coleta seletiva, até mesmo o aproveitamento de partes dos alimentos vegetais que comumente são desprezados como as cascas, folhas e talos e a prática de medidas simples que estabeleçam a cultura da sustentabilidade em cada família, comunidade e na sociedade de maneira geral (BRASIL, 2015).

Considerações Finais

Diante da importância de compreender que a vida começa no próprio meio ambiente e ao constatar que é no dia a dia que o planeta Terra sofre por degradações a todo instante. Especialmente no que se refere ao meio ambiente, com base nos aportes teóricos e metodológicos que permitiram uma ampliação do conhecimento, destacou-se o pensamento de Herbert Marcuse sobre uma sociedade capitalista, tecnológica desenvolvida como sociedade “unidimensional” onde os indivíduos estão condicionados a criar falsas necessidades impostas pelos interesses de grupos sociais dominantes.

Sendo a sociedade totalitária, considerando o uso da tecnologia para manipular necessidades. Nesse processo ocorre o avanço tecnológico e o avanço das informações e assim o aumento do consumo de cada indivíduo, desta forma cresce o desmatamento a degradação do meio ambiente ocasionando grandes impactos ambientais. Diante desse cenário é notório que a Educação Ambiental precisa estar presente no cotidiano de cada indivíduo da sociedade e a mesma é garantida na legislação nacional e precisa ser desenvolvida na escola de forma interdisciplinar.

Referências

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialéctica de la ilustración**. Madrid: Trotta, 1998.

ARANTES, P. E. Falsa consciência como força produtiva. **Lua Nova**, n. 19, novembro/2009, p. 37-46.

BRASIL. **Manual de Educação para o consumo sustentável**. Brasília: 2015.

BRASIL. **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental: UNESCO, 2017.

BRUGGER, Paula. **Educação ou adestramento ambiental**. Coleção teses. Letras contemporâneas. Ilha de Santa Catarina: 2014.

CUNHA, B.P.; AUGUSTIN, S. **Sustentabilidade ambiental** [recurso eletrônico]: estudos jurídicos e sociais. Dados Eletrônicos Caxias do Sul, RS: Educus, 2014.

DIMENSTEIN, G.; ALVES, R. **Fomos maus alunos**. Campinas: Papyrus, 2013.

DORIA, F. A. **Marcuse: vida e obra**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GABRIEL, I. M. Herbert Marcuse: reflexões sobre a sociedade tecnológica. **Revista Jus Navigandi**, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 9, n. 383, 25 jul. 2014. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/5503>. Acesso em: 26 fev. 2023.

GORZ, A. **Ecológica**. [Trad. de Celso Azzan Jr]. São Paulo: Annablume, 2010.

GRÜN, M. **Ética e educação ambiental: uma conexão necessária**. Campinas:Papyrus, 2016.

GUSDORF, George. A fala. [Tradução de Tito de Avillez] Rio de Janeiro: Rio, 2017. Coleção Contexto.

HAUG, F. Reflexões em conexão com Herbert Marcuse. São Paulo: **Revista Cultura e Vozes**, n.6, p.123-139, nov. /dez. 2018.

JACOB, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cad. Pesqui**. 2013.

LAYRARGUES, P.P. **A crise ambiental e suas implicações na educação**. In: QUINTAS, J.S. (Org.) Pensando e praticando a educação ambiental na gestão do meio ambiente. 2 ed. Brasília: IBAMA. p. 159-196. 2002.

LOUREIRO, C.F.B. Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora. **Ambiente e Educação**, Rio Grande, 8: 37-54, 2003

MANIERI, D. Herbert Marcuse: teoria crítica e sociedade tecnológica. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**. ANO I, Edição 01, Fev, 2017.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional**. [Trad.de Giasone Rebuá]. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MARCUSE, H. **Natureza e revolução. Contrarrevolução e revolta**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MELLO, L. **A importância da educação ambiental no ambiente escolar**. [2017] Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2017/03/14/importancia-da-educacao-ambiental-no-ambiente-escolar-artigo-de-lucelia-granja-de-mello/> Acesso em: 26 fev. 2023.

PASSOS, P. N. A Conferência de Estocolmo como Ponto de Partida para a Proteção Internacional do Meio Ambiente. UniBrasil - Faculdades Integradas do Brasil. **Revista direitos fundamentais e democracia**. v. 6. 2009.

SANTOS, L. B. Desenvolvimento sustentável e capitalismo: uma coexistência contraditória. **Recôncavo: Revista de História da UNIABEU**, Volume 5, Número 9, Julho - dezembro de 2015.

SILVA, Ana Beatriz B. **Mentes consumistas: do consumismo à compulsão por compras**. 1. ed. – São Paulo: Globo, 2014.

TOZONI-REIS, M.F.C. Educação Ambiental na escola básica: reflexões sobre a prática dos professores. **Revista Contemporânea de Educação**, vol. 7, n. 14, agosto/dezembro de 2012.